

Eje temático: Mercados campesinos, cadenas de valor y economía de la pequeña agricultura

A CONTRIBUIÇÃO DOS SÍTIOS/QUINTAIS NA CADEIA PRODUTIVA DO BIOPRODUTO (MANAUS-AMAZONAS-BRASIL)

Talita Pedrosa Vieira de Carvalho¹

Reinaldo Corrêa Costa²

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGGEO) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Av. General Rodrigo Octávio, 6200, Coroado I. Manaus, Amazonas, Brasil, talitacarvalho@ufam.br

² Professor do PPGGEO da UFAM, e pesquisador do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), Av. André Araújo, 2.936, Petrópolis, Manaus, Amazonas, Brasil, rei@inpa.gov.br

Resumo

A cadeia produtiva do qual faz parte o mercado dos fitoterápicos e fitocosméticos (bioprodutos) em Manaus (AM) necessita da força de trabalho camponesa na etapa inicial da produção. Os camponeses produzem, na maioria das vezes, o que se denomina de matéria-prima 1 da cadeia produtiva, ou seja, mercadorias *in natura* (plantas medicinais, partes de plantas não medicinais e oleaginosas). Na unidade territorial camponesa, há um espaço agroecológico formado para aproximar da casa as espécies vegetais mais utilizadas na família, denominado de sítio ou quintal. Geralmente são encontradas espécies vegetais frutíferas e medicinais cultivadas desde o momento em que a família chega na unidade territorial. O conhecimento do tempo da natureza sobre essas espécies vegetais e o uso cultural e econômico de determinadas espécies fez com que algumas instituições públicas procurassem os camponeses para ampliar o mercado de bioprodutos às localidades rurais a fim de obter matéria-prima para as indústrias de Manaus que trabalham especificamente com a produção de fitoterápicos e/ou fitocosméticos, chamadas de bioindústrias. O projeto de articulação da cadeia produtiva dos bioprodutos no Amazonas tem uma origem externa aos interesses camponeses dificultando a criação de uma identidade territorial em relação a essa cadeia produtiva, ocasionado por um conflito de lógicas de mercado diferentes para camponeses, empresários e instituições no conteúdo da cadeia produtiva. A produção do sítio/quintal independe do mercado dos bioprodutos, mas poderia ser uma forma a mais de geração e fixação de renda no campo.

Palavras chave: sítio/quintal, cadeia produtiva, bioproduto.

Resumen

La cadena de producción, que forma parte del mercado de los fitocosméticos y de fitoterápicos (bioprodutos) en Manaus (AM) necesita de la fuerza de trabajo campesina en la primera etapa de la producción. Los agricultores producen, con

mayor frecuencia, lo que se llama materia prima 1 de la cadena de producción, es decir, mercancías *in natura* (plantas medicinales, partes de plantas no medicinales y semillas oleaginosas). En la unidad territorial campesina, hay un espacio agroecológico formado para acercar de la casa las especie de plantas más utilizados por la familia, llamado el sitio/quintal. Generalmente se encuentran frutas y especies de plantas medicinales cultivadas a partir del momento en que la familia llega a la unidad territorial. El conocimiento del tiempo de la naturaleza en estas especies de plantas y el uso cultural y económico de ciertas especies ha hecho algunas instituciones públicas buscaran los campesinos para ampliar el mercado de bioproductos a lugares rurales para obtener materia prima para las industrias de Manaus que trabajan específicamente para la producción de fitoterápicos y/o fitocosméticos, llamadas de bioindustrias. El proyecto de articulación de la cadena de producción de los bioproductos en el Amazonas tiene una fuente externa a los intereses de los campesinos lo que impide la creación de una identidad territorial con esta cadena, causado por un conflicto de lógicas de mercado diferentes para los campesinos, los empresarios y las instituciones en el contenido de cadena de producción. La producción del sitio/quintal es independiente del mercado de los bioproductos, pero podría ser una manera de generar más ingresos y fijación de capital en el campo.

Palabras llave: sitio/quintal, cadena de producción, bioproducto.

Introdução

Este estudo analisa a contribuição dos sítios/quintais agroecológicos na cadeia produtiva de fitoterápicos/fitocosméticos, denominados de bioproductos. O objetivo geral do trabalho é analisar os sítios/quintais das unidades territoriais camponesas no espaço total dos bioproductos no Amazonas, e os objetivos específicos são: identificar as políticas públicas que incentivaram a produção de bioproductos no Amazonas, e identificar as principais espécies presentes no sítio/quintal agroecológico e seu uso econômico.

Nos sítios/quintais, foi possível encontrar a matéria-prima inicial para os bioproductos chamada de matéria-prima 1 (*in natura*: plantas medicinais, partes de plantas não medicinais e oleaginosas). A produção dos sítios/quintais faz parte do

modo de vida camponês que em sua propriedade planta ao redor da casa ou em outras áreas da propriedade espécies vegetais de uso mais frequente.

Com a consolidação de cadeias produtivas no espaço rural amazonense e a tentativa de articular a produção em escala estadual, alguns camponeses, por meio de incentivos de instituições públicas passam a direcionar a produção das matérias-primas localizadas nos sítios/quintais para o mercado de bioprodutos, o que antes era somente para o autoconsumo (valor de uso) na unidade territorial familiar passa a ser trabalhado como mercadoria (valor de troca).

Não há exemplos de fixação de renda aos camponeses, mas devido à existência dos sítios/quintais as instituições incentivaram a produção de matérias-primas ao mercado dos bioprodutos, pois a produção de fitoterápicos ou de remédios já ocorria como parte do modo de vida dos camponeses.

Materiais e Métodos

O estudo foi desenvolvido a partir de trabalhos de campo realizados em alguns municípios do Amazonas onde foi observado o uso dos sítios/quintais como elementos constituintes da vida camponesa em bases etno-agroecológicas. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com os donos das unidades territoriais de trabalho familiar.

A pesquisa sobre a contribuição dos sítios/quintais agroecológicos como parte do modo de vida camponês, possuindo uma relevância observada com políticas de instituições públicas que investem recursos na inserção do resultado

do trabalho camponês na cadeia produtiva, e de empresários que precisam da matéria-prima *in natura*. O trabalho foi fundamentado na lógica da relação sociedade e natureza como elemento da formação sócioespacial.

Resultados e Discussão

Políticas públicas de incentivo à produção de bioprodutos no Amazonas

A Superintendência da Zona Franca de Manaus (SUFRAMA), órgão federal, junto com Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Econômico do Amazonas (SEPLAN-AM), órgão estadual e o Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Amazonas (SEBRAE-AM) órgão privado, visando à consolidação do crescimento econômico do mercado dos fitoterápicos tentam superar entraves ao uso econômico da biodiversidade desenvolvendo infraestruturas de produção, seja fomentando a formação de cooperativas no campo, seja aglomerando e apoiando bioindústrias na cidade de Manaus, com a implementação de projetos e políticas públicas, como por exemplo: o Distrito Industrial de Micro e Pequenas Empresas de Manaus (DIMPE) e o Centro de Desenvolvimento e Incubação Empresarial (CIDE). As ações existem na consolidação de políticas com o apoio financeiro e consultorias aos cooperados para que se ligue a produtividade de matéria-prima 1 com o *território* da bioindústria em Manaus.

Segundo Moraes (2005), as políticas públicas são “agrupadas em três grandes campos: políticas econômicas (cambial, financeira, tributária etc.), políticas sociais (educação, saúde, previdência etc.), políticas territoriais

(urbanização, regionalização, transportes etc.)”; a política territorial no mercado da biodiversidade se destaca, tendo em vista que há muita matéria-prima 1 no Amazonas. O Governo Estadual buscou a organização espacial do bioproduto com mais ênfase na década de 2000.

O mercado da biodiversidade “movimentou, em 2007, o equivalente a R\$ 19,6 bilhões” (FieamNotícias, Ano III, nº 25, 2008) criando um interesse de instituições em inserir o Amazonas nessa escala de produção ou na cadeia produtiva do bioproduto, visto que a produção de matéria-prima 1 ocorre como parte do modo de vida camponês sem a necessidade de incentivos externos.

A dificuldade está principalmente na etapa de circulação da mercadoria, devido à infraestrutura logística de transportes. Na etapa da produção, a dificuldade é na infraestrutura em relação à biotecnologia (processos com alto grau de tecnologia). Não há desenvolvimento tecnológico suficiente para criar um pólo da cadeia produtiva dos bioprodutos em Manaus, havendo uma dependência a estados como: São Paulo. Segundo Krugman e Wells (2007) “avanço tecnológico é uma força essencial por trás do crescimento econômico”.

As políticas do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Amazonas (SEBRAE-AM) e da Secretaria de Estado de Planejamento e Desenvolvimento Econômico (SEPLAN-AM), principalmente, também atuaram para o surgimento de relações econômicas de comercialização e desenvolvimento tecnológico para bioindústrias de Manaus, como a Pharmakos D’Amazônia e a Gotas da Amazônia, e de relações políticas na tentativa de se formar um mercado

de fitoterápicos e fitocosméticos significativo para o governo estadual em diferentes administrações.

O bioproduto é uma expressão da relação sociedade-natureza, mas está muito além dessa relação, pois é um produto espacializado e territorializado em processos de bases econômicas de diferentes escalas e usos (culturais, estéticos, políticos). Necessita de técnicas/tecnologias em determinados espaços territorializados por processos ligados ao capital, força de trabalho e renda da terra. No mercado dos bioprodutos, cooperativas e associações de origem camponesa cedem ou se unem aos interesses de grupos privados apoiados pelo poder público. A ideologia em relação à produção e ao consumo desses produtos também possui suas especificidades, incluindo a idéia de desenvolvimento e do papel ecológico-econômico dos sítios/quintais, entre outros.

A cadeia produtiva (produção, distribuição, circulação e consumo) dos bioprodutos foi incentivada por instituições (públicas e privadas), entre elas: SEBRAE-AM e Superintendência da Zona Franca de Manaus (SUFRAMA), com o incentivo na criação de cooperativas para a produção de bioprodutos, visando à estruturação da cadeia produtiva em Manaus, e na criação do DIMPE, que concede vagas para empresas direcionadas a esse ramo especificamente, as chamadas bioindústrias.

A circulação na cadeia produtiva dos fitocosméticos e fitoterápicos de matérias-primas, como elementos da biodiversidade, oferece “importantes perspectivas de valorização no domínio das biotecnologias” (LÉVÊQUE, 1999), sendo necessária a bioindústria, com seus desenvolvimentos tecnológicos,

infraestrutura e com maior acessibilidade no espaço econômico do bioproduto, mas também as relações de produção camponesas que seguem uma lógica mercantil diferente das empresas.

Por exemplo: Em 2007, a Cooperativa de Produtores e Beneficiadores de Plantas Medicinais, Fitoterápicos e Fitocosméticos em Manaquiri (COOPFITOS) de Manaquiri (AM) começou a participar do mercado do bioproduto como produtora de matéria-prima 2 (óleo vegetal da andiroba beneficiado por meio de máquinas próprias). O Projeto de Assentamento Panelão do município Careiro Castanho (AM) começou a fornecer o cupuaçu *in natura* (matéria-prima 1) para uma empresa do mesmo município cuja finalidade da empresa é despolpar o cupuaçu a fim de utilizar a polpa e principalmente o caroço da onde pode extrair a manteiga do cupuaçu (matéria-prima 2).

O sítio/quintal agroecológico e o camponês

A biodiversidade “está constituída pelo conjunto dos seres vivos, pelo seu material genético, e pelos complexos ecológicos dos quais eles fazem parte” (LÉVÊQUE, 1999, p. 14). O valor de uso da biodiversidade é aproveitado segundo a utilização de cada parte da planta. Em uma planta medicinal, podem ser utilizadas as folhas, as raízes, a casca e o óleo para diferentes finalidades e múltiplos preparos para o chamado “remédio caseiro” consumido na unidade territorial camponesa, cujo conhecimento do modo de cultivo e preparo é apropriado pelas bioindústrias do mercado dos bioprodutos. Os camponeses detêm a prática na utilização das plantas medicinais na vida cotidiana como

costume culturalmente enraizado na família ou no grupo social. Segundo Raffestin (1993, p. 224),

Pode-se, pois, pretender que a cadeia das propriedades materiais é uma função das práticas e dos conhecimentos humanos. [...] Sem a prática, a matéria não é desvendada como campo de possibilidades: sem prática, nenhuma relação, nenhuma relação com a matéria e, portanto, nenhuma produção.

Nos sítios/quintais, os camponeses cultivam as espécies vegetais com o intuito de obter uma produção diversificada na unidade territorial como parte da lógica camponesa de produção que possui uma economia moral baseada em uma “visão consistente de normas e valores que deveriam ser respeitados pela atividade econômica” (LECHAT, 2003). Antes de pensar em produzir para entrar no mercado, a produção camponesa é principalmente para abastecimento interno da unidade territorial familiar. Às vezes, pode ocorrer uma ajuda mútua entre vizinhos ou mutirão (ou ajuri, como é chamado em algumas localidades).

Por ser ao redor da casa, o sítio/quintal sempre está sendo revitalizado pelos moradores, seja nos casos de camponeses que moram em comunidades havendo uma área de sítio/quintal coletiva e individual (próximo à casa de cada família), seja nos casos em que os camponeses moram mais afastados uns dos outros. O cuidado na conservação dessa área agroecológica produzida para a família é constantemente mantido. Altieri (2002) *apud* Correa *et al* (2009) afirma que “um problema crítico da agricultura moderna é a perda da biodiversidade, que atinge formas extremas nas monoculturas. Assim, a questão central [...] não é atingir a produção máxima, mas a estabilidade em longo prazo”.

Segundo Woortmann e Woortmann (1997), o “plantio propriamente dito, implica a aplicação de um saber sofisticado. [...] longe de ser [...] um ato rotineiro que se repete ano após ano”, sendo observado no conhecimento que os camponeses possuem relacionado ao tempo de ação da natureza. A produção dos sítios/quintais sofrem influências da variação semestral dos rios (períodos de seca e cheia), os camponeses produzem de forma diversificada (policultura), pois conhecem o período de safra e entressafra das plantas, há um conhecimento prático também na organização das plantas para que as mesmas vivam em um ambiente propício ao seu desenvolvimento (há uma combinação entre espécies sem que haja uma competição nociva entre elas). E mesmo que haja venda de matéria prima para o mercado dos bioprodutos, os camponeses reservam uma parcela da produção para o autoconsumo. Nessa lógica de produção nem tudo é mercadoria.

Os sítios/quintais visam a atender principalmente uma demanda na parte alimentícia, mas também há áreas específicas para o atendimento da demanda relacionada à saúde e até mesmo bem estar dos camponeses. Não necessariamente, os camponeses fazem um chá com o objetivo de curar alguma enfermidade, mas podem fazer um chá para acompanhar alguma refeição substituindo o café, por exemplo.

As principais espécies utilizadas no mercado dos bioprodutos e cultivadas ou preservadas nos sítios/quintais agroecológicos do Amazonas são: andiroba (*Carapa procera* D. C ou *Carapa guianensis* Aubl.), copaíba (*Copaifera cearensis* Huber), açaí (*Euterpe oleracea* Mart.) e cupuaçu (*Theobroma grandiflorum*

Schum). Atualmente, são as espécies vegetais efetivamente utilizadas no mercado do bioproduto chegando às bioindústrias do Amazonas e atingindo escalas nacionais na consolidação de cadeias produtivas, ligadas aos alimentos ou aos cosméticos e fitoterápicos.

Além dessas, há em uma escala mais local, as chamadas “ervas medicinais” comercializadas no Porto da Manaus Moderna (Manaus-AM) e suas redondezas, em feiras e em camelôs espalhados pela cidade de Manaus, tais como: carapanaúba, boldo, uxi, cidreira, nano, capim santo, sara tudo, além de mel de abelha e banha de cobra que também possuem uso medicinal.

Uso econômico das principais espécies do sítio/quintal agroecológico

A andiroba nem sempre é coletada na propriedade rural ou na comunidade, mas os camponeses já conhecendo o conteúdo das paisagens ecológicas do lugar onde vivem sabem onde encontrá-la, como, por exemplo, próximo de alguns cursos d’água (conhecidos regionalmente como igarapés), revelando que o conjunto interativo da paisagem é então composto, conforme Metzger (2011) por ecossistemas ou por unidades de cobertura ou de uso e ocupação do território.

A andiroba possui seu valor de uso voltado para o óleo vegetal que pode ser extraído de forma manual/artesanal com duração de 15 a 20 dias ou com uso de máquinas com duração de 1 a 2 dias. O óleo vegetal de andiroba é utilizado pelas bioindústrias de Manaus na elaboração de sabonetes, hidratantes, e outros

produtos cosméticos ou é feita uma refinação do óleo vegetal tornando-o um fitoterápico comercializado pelas bioindústrias também.

Um exemplo de produção de andiroba direcionada ao mercado do bioproduto é a relação entre a COOPFITOS e as bioindústrias de Manaus (Figura 01).



Figura 01: A empresa Pharmakos D'Amazônia compra o óleo vegetal de andiroba (matéria-prima 2) para produzir um fitocosmético. Esse óleo vegetal foi beneficiado pelos cooperados com o uso de máquinas na Coopfitos. A andiroba *in natura* é produzida por camponeses do município de Manaquiri que são fornecedores da Coopfitos, e não cooperados. A Pharmakos D'Amazônia está localizada em Manaus, no DIMPE. I) Matéria-prima 1, II) Matéria-prima 2, III) Bioproduto. Fonte: trabalho de campo, 2010 e 2013/site Bazar Amazônia.

O açaí possui a mesma utilização da andiroba em relação ao uso cosmético, porém por haver pouca polpa em relação aos outros produtos a cooperativa decidiu não trabalhar com essa espécie, pois teria prejuízo.

Do cupuaçu podem ser utilizadas a polpa e a semente, sendo esta de interesse econômico para o mercado do bioproduto, pois é dela que se extrai a manteiga utilizada na indústria de cosméticos, em um mercado mais amplo, chamado de mercado da beleza.

Um exemplo de utilização do cupuaçu ocorre no município do Careiro Castanho com a empresa Cupuama que articula a cadeia produtiva desde a obtenção da matéria-prima 1 (cupuaçu) até a comercialização da mercadoria beneficiada para uma empresa multinacional que, por sua vez, é fornecedora de matéria-prima a Natura (empresa de cosméticos). Segundo Ferreira *et al* (2010),

“a multinacional disponibiliza o equipamento e sem utilizar força de trabalho ou custos para a produção compra o resultado da extração realizada pela máquina que disponibilizou, para revender a matéria-prima *beneficiada* empresas de âmbito nacional. Com isto o óleo extraído pela indústria é comercializado primeiramente para multinacional. Um clássico exemplo de extração de mais-valia e renda e subsunção da mercadoria”.

A copaíba pode ser utilizada para tosse e inflamação, principalmente, segundo os camponeses e um atravessador que comercializa esse produto. Na bioindústria, o óleo de copaíba é utilizado para elaboração de fitocosméticos e fitoterápicos. A casca da copaíba é utilizada pelos camponeses em forma de chá.

Em todos os casos ocorre a transformação de um bem natural (andiroba, cupuaçu, açaí, copaíba) em um bem econômico, com a agregação de técnicas e tecnologias e de forças de trabalho diferenciadas na cadeia produtiva.

Conclusões

O que está acontecendo em alguns lugares com a ação de políticas públicas é a transformação do valor de uso em valor de troca. A base material são os sítio/quintais, que são produtos do modo de vida camponês; isto é, uma produção de biodiversidade em um determinado lugar é uma projeção cultural (a policultura) ou de outra forma é uma etno-agroecologia.

A contribuição dos sítios/quintais na cadeia produtiva do bioproduto está na necessidade da obtenção de matéria-prima 1 produzida pelos camponeses. Os sítios/quintais são cultivados ou preservados pelos camponeses, próximo à moradia com o objetivo de abastecer a unidade territorial familiar com alimentos, temperos e remédios, criar um ambiente mais ameno em relação às altas temperaturas da região com conforto térmico e sombreamento. Esta *arquitetura* funcional é parte do modo de vida camponês.

A matéria-prima para os fitoterápicos e fitocosméticos é produzida pelos camponeses de vários municípios, sem uma fiscalização e/ou uma certificação das bioindústrias no Amazonas, dificultando a fixação de renda pelo poder público e aos camponeses que não conseguem reivindicar politicamente uma renda mais justa.

Os camponeses produzem a matéria-prima 1 com pouco valor tecnológico agregado, havendo uma concentração de renda em outros lugares da cadeia produtiva, principalmente fora do Amazonas; no campo, a extração da renda da terra camponesa pelo capital, na cidade, a bioindústria não possui biotecnologia suficientemente avançada necessitando deslocar a mercadoria ainda não

finalizada para certificações e detalhes mais minuciosos da etapa produtiva industrial.

Há uma dificuldade de alguns camponeses em realizarem o processo de distribuição e circulação das mercadorias, que tem o apoio geralmente da Secretaria de Estado de Produção Rural (SEPROR-AM) e de Prefeituras, estabelecendo uma relação com um comércio local, como nas feiras municipais, e outras relações que necessitem de um maior tempo e espaço na circulação das mercadorias como matérias-primas 1 e 2.

As ideologias do mercado possui um diferencial de agregar valor ao bioproduto, mas a renda novamente não é fixada na unidade territorial do camponês, que participa do mercado do bioproduto por possuir a matéria-prima (sujeito necessário à cadeia produtiva), mas continua com a mesma situação econômica e política em que estava anteriormente. Ainda que a base produtiva, a dominialidade da terra, esteja em mãos camponesas, não há o controle e nem participação no processo decisório de mercado e de políticas por parte dos camponeses. Os sítios/quintais são base de várias cadeias produtivas, mas os camponeses estão longe do domínio político e econômico, o que contraditoriamente reforça a importância da etno-agroecologia na sociedade, na economia e na política.

Referências

CORREA, E. J. A.; SOUZA, M. R. de M.; MOURA, W. de M.; LIMA, P. C. (2009) Recursos vegetais de uso tradicional para a diversificação de agroecossistemas em Minas Gerais. **Rev. Bras. De Agroecologia**, Brasil, vol. 4, n. 2.

FERREIRA, B. E. da S.; CARVALHO, T. P. V. de. COSTA, R. C. (2010). Mercado e Bioprodutos em Manaus-AM. **XX Encontro Nacional de Geografia Agrária: Territorialidades, Temporalidades e Desenvolvimento no Espaço Agrário Brasileiro** Francisco Beltrão, Brasil.

FIEAM NOTÍCIAS (2008) Coletores de sementes recebem agroindústria em Manaquiri. *In* **Publicação mensal do Sistema Federação das Indústrias do Estado do Amazonas**, Brasil. Ano III nº 25.

KRUGMAN, P. R. e WELLS, R. (2007) **Introdução à Economia**. Rio de Janeiro, Brasil: Elsevier.

LECHAT, N. M. P. (2003) Economia Moral. In: Veraz Editores (ed.). **A outra economia**. Antonio D. Cattani (org.). Porto Alegre, Brasil: 96-100;

LÉVÊQUE, C. (1999) **A biodiversidade**. Bauru, Brasil: EDUSC.

METZGER, J. P. (2001) O que é Ecologia de Paisagens? **Biota Neotropica**, vol. 1, números 1 e 2.

MORAES, A. C. R. de (2005) **Meio ambiente e ciências humanas**. 4ª ed. São Paulo, Brasil: Hucitec.

RAFFESTIN, C (1993) **Por uma Geografia do poder**. São Paulo, Brasil: Ática.

WOORTMANN, E. F. e WOORTMANN, K. (1997) **O trabalho da terra: a lógica simbólica da lavoura camponesa**. Brasília, Brasil: Editora UNB.